



«Não abdicar da ousadia, bem escorada, de elaborar uma obra ímpar pela extensão do roteiro diacrónico das literaturas em língua portuguesa»

foi, segundo o autor, uma das preocupações na elaboração da obra *As Literaturas em Língua Portuguesa*, publicada recentemente pela Gradiva

Esta é uma obra que traça um amplo panorama sobre as literaturas de língua portuguesa. Quais foram as principais preocupações na construção de uma obra desta natureza?

Primeiro, não abdicar da ousadia, bem escorada, de elaborar uma obra ímpar pela extensão do roteiro diacrónico das literaturas em língua portuguesa — desde as origens até aos nossos dias — e pela amplitude dos espaços transcontinentais dessa realização histórica. Depois, cuidar da clareza na construção narrativa e conciliar esse intuito com a determinação de não ceder a tentações de simplificação e trivialização. Tal pretensão passava pela amplitude globalizante da perspectiva, mas exigia que ela não esmagasse a fluência da diversidade histórica, com seus factores e agentes epocais, até à vida literária nossa contemporânea sob o signo da globalização e da intermedialidade.

Ao mesmo tempo, quis garantir a segurança informativa, fundada num quase exaustivo trabalho de pesquisa e de leitura crítica, cujos dados não se vêem reduzidos a qualquer acumulação inorgânica de factos literários (nomes e datas, obras e títulos, etc.).

Preocupação imediata e relevante foi a de integrar esses dados num quadro de inteligibilidade assente na dialéctica entre os vectores temático-formais dos estilos de época e a singularidade neles inscrita por cada autor, grupo ou movimento — cuja importância relativa, segundo a minha implícita ou explícita avaliação, se reflecte na variável extensão e qualificação que lhes é atribuída.

Alguns dos maiores nomes dos Estudos Literários já reagiram à forma como realizei esses

designios e assinalaram o fascínio «pela originalidade da arquitectura da obra, pelo impressionante caudal de informação, pela segurança das análises e das sínteses», tal como pela «escrita elegante e acessível a qualquer leitor» em «obra ímpar da cultura portuguesa contemporânea».

Estou, pois, convicto de que este meu *magnum opus* [...] constitui um marco no conhecimento especializado das lusografias literárias [...]

Situaria este livro como académico, um manual para quem se interessa pelas questões da língua e da literatura ou é bem mais do que isso?

Vindo na sequência de longos anos de estudo, de reflexão e de interpretação que, como docente, como ensaísta, como palestrante, como participante em congressos e outras reuniões científicas, dediquei às literaturas em língua portuguesa, este livro é um ensaio panorâmico como não havia até hoje (e uma figura tão importante da vida pública de Portugal e da vida cultural da CPLP como é Guilherme d'Oliveira Martins não teve dúvidas em escrever, no primeiro escrutínio crítico da obra, que «só um estudioso como J. C. Seabra Pereira poderia abalançar-se numa empresa desta dimensão»).

É um roteiro apto a atingir, como escreveu Carlos Ascenso André, «um público heterogéneo, com patamares de conhecimento mui-

to assimétricos, com interesses diversificados» — e, com efeito, tanto quanto tenho podido inferir do primeiro e conturbado tempo de recepção da obra, esta vem ao encontro dos interesses humanistas e cívicos de leitores de profissões liberais e técnicas.

Estou, pois, convicto de que este meu *magnum opus* — narrativa que acolhe e conexas várias narrativas identitárias em estádios diversos — constitui um marco no conhecimento especializado das lusografias literárias (em que até são resgatados aos perigos de esquecimento aquelas que a história política foi desfavorecendo, como a indo-portuguesa, ou outras às quais a periferia geográfica e a fragilidade própria vão dificultando a consolidação, como a timorense), mas conta também como contributo valioso para o desenvolvimento das correlações entre os países membros da CPLP.

Neste livro fala-se de um olhar diferente, relativamente a *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes, por exemplo, mas não só. Que olhar é esse?

É o olhar exigido por uma cartografia rizomática que atinge a sua manifestação mais extensa e intensa nas centenas de páginas consagradas à época contemporânea.

É um olhar que não se desvia gratuitamente de parâmetros históricos e interpretativos mais ou menos estabelecidos, mas também não se acomoda por inércia ou conformismo a tais esquemas. Um olhar que, assim, ousa rever o quadro canónico das hegemónias estilístico-periodológicas e dos seus protago-

nistas, sem rasurar as tendências emergentes ou epigonais que coabitam com aquelas hegemónias (mormente nas fronteiras fluidas do seu dealbar ou do seu ocaso).

É um olhar que procura acompanhar os assomos e a expansão de tipos de literatura que, não só em termos de sociologia do mercado editorial mas também de imaginário e dicção dos textos, se distinguem por intencionalmente se dirigirem a um novo público específico. Nesse sentido, avulta o caso da literatura para crianças e jovens — criação estético-literária que costuma ser inventariada ou criticada em estudos sectoriais, mas desta vez ela é considerada sem barreiras estanques no decurso integrativo de todas as lusografias literárias. Além disso, esse olhar foca e valora outras modalidades de escrita de fronteira, com ou sem constituição de um cânone alternativo — o discurso literário dos subalternos de vária condição (étnica, sexual, social, ideológica), os autores de literatura marginalizada ou de intuito marginal, os mal-amados de cada geração e os precursores só tardiamente reconhecidos.

É um olhar que vai mais longe sobre o horizonte da pluralidade das literaturas em língua portuguesa, porque não se limita a tentar abrangê-la em toda a sua extensão e quer, ao contrário, aventurar-se a ver essa realidade já de si poliédrica através de uma perspetivação do processo variável da génese e desenvolvimento de cada componente.

Na verdade, o discurso prismático desta narrativa não foi pensado e elaborado como junção de sequências autónomas de capítulos dedicados a cada uma das lusografias nacionais. A visão a que responde é, pelo contrário, de um curso de criações estético-literárias que, ao longo dos séculos e especialmente nos tempos modernos, vai tendo suas afluências e defluências, por vezes com fontes autóctones e destinos de diferentes identidades comunitárias (aliás, identidades plurais e abertas, em transição e migração).

Dou-me conta, aliás, de que aquilo que acabo de evidenciar exemplifica, alusivamente, como o olhar que lanço sobre as literaturas em língua portuguesa está instruído por pertinentes directivas ou sugestões oriundas da teoria literária e da antropologia cultural — v.g. miscigenação multicultural e intertextua-

lidade artística, diassincronia dos fenómenos estéticos e inerente contingência do(s) cânone(s) literário(s), funcionamento institucional da comunicação literária e dinâmica de produção, promoção, disputa, conflitualidade, dos bens simbólicos no campo literário (na acepção derivada de Pierre Bourdieu), factores históricos e consequências da constituição de comunidades interliterárias (na acepção de Dionýs Durisin), etc.

**Um olhar que, assim, ousa rever
o quadro canónico das hegemónias
estilístico-periodológicas e dos
seus protagonistas, sem rasurar
as tendências emergentes
ou epigonais que coabitam com
aquelas hegemónias [...]**

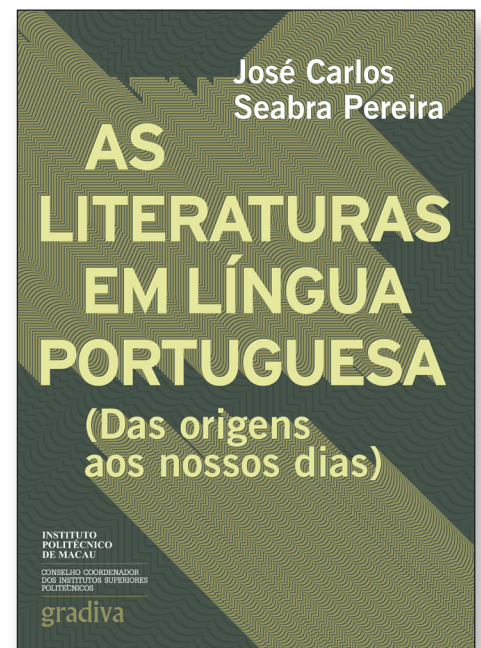
O livro não trata, note-se, desses conceitos, nem se detém nos pressupostos teóricos; estes apenas subtendem, em estrutura de profundidade, o meu projecto de representação do devir correlato das literaturas em língua portuguesa e o meu dispositivo de construção narrativa.

Até no que toca mais particularmente à língua — e Guilherme d'Oliveira Martins também sublinhou que este ensaio longo vem abrir «novos caminhos e pistas, a partir da recusa uniformizadora e da consciência de que estamos perante uma língua de várias culturas» — ficam patentes os alicerces e a feição da minha prática discursiva. Com efeito, no meu livro entende-se que a língua, com todas as suas variedades diacrónicas e sincrónicas (diatópicas ou geográficas, diastrásticas ou sociais, diafásicas ou estilísticas), encontra na arte literária o espaço privilegiado de plenitude funcional, sem deixar de ser semiótica social (como diria M. A. K. Halliday).

Assim, em certos momentos oportunos trago à colação o papel de contaminações idiomáticas da língua recebida com elementos léxico-gramaticais de outras línguas ancestrais (desde há muito no Brasil, mais recentemente, mas também mais intensamente, em África) — tornando muito perceptível, em particular, como na língua literária portuguesa

se vão concretizando «fenómenos de crioulanização, transvases de outras línguas». Todavia, contínuo é outro estrato de toda a semiose literária, como sublinho, por exemplo, a propósito de Mia Couto: o grande escritor apenas intensifica em Moçambique («subúrbio» da língua portuguesa), como Guimarães Rosa e outros escritores brasileiros, ou como Luandino Vieira e outros escritores africanos, uma realização multissecular do que E. Coseriu considerou a «literatura enquanto espaço da plenitude funcional da linguagem», que reactiva ou acrescenta as suas potencialidades cognitivas e comunicativas, mediante a exploração de possibilidades não consagradas pela norma mas abrangidas pelo nível sistémico mais alto de cada língua (especificamente na criação vocabular pelo uso insólito da sufixação ou da aglutinação e pela correlata inovação sintáctica).

É talvez também por isso que um reputado representante moçambicano dos Estudos Literários comenta que o meu livro comprova, com vantagem, que «não é preciso ser africanista para participar no debate sobre as nossas literaturas» e «ajuda a dissipar determinadas hesitações sobre o momento da singularização de cada uma»; e reacções análogas têm chegado do Brasil.



Publicado em Janeiro de 2020 • 792 pp. • 40,80€